

MÚSICA PARA TODOS:
o protagonismo musical da família de pessoas com autismo

Liana Monteiro de Araújo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
lianamont@gmail.com

RESUMO

Esse artigo é resultado de um relato de experiência, que convida o leitor e pesquisadores da área de educação musical a promover o protagonismo musical de famílias de pessoas com autismo. Apontamos alguns projetos em música com essa mesma abordagem e relatamos as práticas pedagógico-musicais vivenciadas. Como resultados evidenciaram-se desde os ganhos de conhecimento prático musical, como o uso correto de materiais relacionados à música; socialização, onde são criadas oportunidades para os pais se conectarem com outras famílias, e fortalecer a interação com seus filhos; e ganhos emocionais, quando constatamos a redução do stress, aceitação de sua condição e valorização da autoestima

Palavras-chave: Educação musical. Família de pessoas com autismo. Inclusão.

26

A FAMÍLIA AUTISTA EM CENA

Esse artigo constitui-se num relato de experiência, realizada com famílias de pessoas com autismo, integrantes da Associação de Pais e Amigos dos Autistas do Rio Grande no Norte (APAARN), proporcionando experiências e vivências para descrever o processo de ensino e aprendizagem musical em contextos diversos.

Como educadora musical e mãe de uma pessoa com autismo, sempre me interessei por pesquisas que envolvam inclusão, mas observo ao mesmo tempo a exclusão dos personagens da cena familiar nos contextos pesquisados. Isso diz respeito não só a área de educação musical, como também a outras áreas de conhecimento. As pesquisas contemplam apenas as pessoas com deficiência, deixando de observar a importância da inserção da família no processo, uma vez que as experiências poderiam ser potencializadas no ambiente familiar.

A razão de abordar essa questão, é que realmente compreender que um filho tem uma necessidade específica necessita de um processo de assimilação dessa situação, que às vezes nunca chega a ser completa. No autismo, essas necessidades específicas se apresentam em diferentes áreas de desenvolvimento: social, comunicativa e comportamental. Quando essa necessidade específica interfere na socialização, esse fato abala a estrutura familiar, interferindo no comportamento interno e externo, podendo afetar a posição social e o estilo de vida, tanto do indivíduo, como da família.

Na maioria dos depoimentos de famílias, fica explícito o isolamento e preconceito vivenciados, não só em relação à pessoa com autismo, mas com toda a família. Grinker (2010) em seu livro *Autismo um mundo obscuro e conturbado* escreve: "...ocorreu-me que o autismo é, na realidade, duas doenças: uma engloba todos os sintomas com os quais estamos familiarizados, outra, também o estigma e a exclusão sociais intrínsecos." (GRINKER, 2010, p.78)

Evellyn Diniz em seu blog *Poder dos pais* escreve um texto intitulado *A Mãe – o autismo do outro lado da porta*, destacando o distanciamento dos educadores e profissionais da família, representada no texto abaixo pela mãe fictícia denominada Márcia:

Boa tarde, Márcia! Oi João Pedro, vamos lá? Hoje a tia vai fazer uma brincadeira super legal! A porta é fechada. A sessão do Pedro com a T.O.

começa. Márcia é a mãe do autista na recepção da clínica, Pedro é a criança autista dentro da sala. Dentro do consultório a terapeuta trabalha com o Pedro. Os jogos, os desafios, muita coisa a aprender. Esse é o autismo lá dentro. Do outro lado da porta a Márcia abre a revista Caras e passa as páginas sem ler um parágrafo sequer. Seu pensamento está dentro da sala. Seu pensamento está no futuro incerto do Pedro. Esse é o autismo do outro lado da porta. Esse é o autismo sem atendimento. (DINIZ, <http://poderdospais.wordpress.com>).

Amaral (2014) em seu livro intitulado *Autismo no tempo da delicadeza* traz vários depoimentos de mães, que mostram através de suas palavras, o impacto da descoberta do diagnóstico, da mudança da rotina familiar e da superação do luto da família, respectivamente:

Mãe Mônica:

Só quem já sentiu a dor de ver o mundo desabar, os sonhos se acabarem e a esperança ir embora saberá compreender a dor que sinto. De olhar ao redor e ver que se está só, que não há quem o compreenda, mas muitos que o julgam. Até os mais chegados se afastam e não querem se comprometer (...) escondendo a verdade dura. MEU FILHO É AUTISTA! (AMARAL, 2014, p.65)

28

Mãe Maria:

(...) No autismo, é assim: fases superadas por crianças não são etapas definitivamente ultrapassadas. Elas retornam como fantasmas: a insônia, o descontrole esfinteriano, as birras. Os pais são eternos vigilantes do comportamento de seus filhos. Não podemos relaxar, pelo menos não enquanto estamos sozinhos no comando. (AMARAL, 2014, p.62)

Mãe Aparecida:

Criança especial tem mães e pais especiais, seja pelo aprendizado com a dificuldade que nos é imposto, ou seja, pela capacidade de se reinventar diante do diferente. Amo muito e talvez até mais um filho não típico. O amor vence qualquer situação. E o bonito é aprender a entender o diferente. (AMARAL, 2014, p.64).

Diante dessa realidade, temos de convidar essas famílias para protagonizar musicalmente, ao mesmo tempo em que sinalizamos para a área de educação musical promover trabalhos e pesquisas que apontem para as diferentes funções e dimensões do fazer musical. Hummes (2004) aborda a relação da música com a sociedade, citando o quanto está diretamente ligada à vida pessoal e comunitária dos indivíduos; Ilari (2007) aborda acerca das funções psicológicas da música em diferentes contextos educacionais, no qual enfatiza o fortalecimento de vínculos interpessoais.

Brito (2001) em seu livro Koellreuter Educador: O humano como objetivo da educação musical destaca os aspectos norteadores da ação pedagógica proposta por Koellreutter, dentre eles a importância e o significado da música (e da arte) na vida humana. Para Koellreuter, a educação musical não era entendida como meramente um meio para a aquisição de técnicas e procedimentos necessários à realização musical. A educação musical deveria ser aceita como

meio que tem a função de desenvolver a personalidade do jovem como um todo; de despertar e desenvolver faculdades indispensáveis ao profissional de qualquer área de atividade, como, por exemplo, as faculdades de percepção, as faculdades de comunicação, as faculdades de concentração (autodisciplina), de trabalho em equipe, ou seja, a subordinação dos interesses pessoais aos do grupo, as faculdades de discernimento, análise e síntese, desembaraço e autoconfiança, a redução do medo e da inibição causados por preconceitos, o desenvolvimento de criatividade, do senso crítico, do senso de responsabilidade, da sensibilidade de valores qualitativos e da memória, principalmente, o desenvolvimento do processo de conscientização do todo, base essencial do raciocínio e da reflexão. [...] Trata-se de um tipo de educação musical que aceita com função a tarefa de transformar critérios e idéias artísticas em uma nova realidade, resultante de mudanças sociais (KOELLREUTTER, 1998, apud BRITO, 2001, p. 4).

29

A própria Brito (2001) continua:

Processos de educação musical que tenham como objetivo a formação integral do ser humano só podem acontecer em contextos que respeitem e estimulem os alunos a explorar, experimentar, sentir, pensar, questionar, criar, discutir, argumentar... Propostas que propiciem o desenvolvimento da autodisciplina e da capacidade de refletir, de questionar, de criticar, dentre outros aspectos, tornam-se, então, aspectos fundamentais em tal proposta, promovendo situações para o exercício da comunicação e do relacionamento humano, estimulando o debate e a conscientização de aspectos relativos à música e ao humano. (BRITO, 2001, p.3).

Queiroz (2015) argumenta que uma educação musical na contemporaneidade implica numa desconstrução de ideias cristalizadas pela área, e que contemple diferentes dimensões. Contemporaneidade que contemple toda a gama de complexidade que a constitui a partir das relações intra e inter seres humanos e suas formas de inserção no mundo. Para tal, está implicado numa percepção do outro e a transformação de si mesmo, ou seja, humanizar a si mesmo e ao outro, numa redescoberta de uma nova ordem que desconstrói as visões unilaterais definidas pela sociedade e conseqüentemente, para a música.

A nossa responsabilidade, portanto, está em desenvolver uma educação musical trabalhada na pluralidade de manifestações, ideias e metodologias de formação, que possibilite a igualdade de acesso a direitos, a fim de promover e incorporar a diversidade como característica fundamental do ser humano, ou seja, embora se saiba que o fazer musical envolve várias dimensões, devemos destacar como principal a dimensão humana.

A educação musical tem buscado contemplar a complexidade inerente às inúmeras possibilidades do fazer musical em diferentes contextos e com diferentes sujeitos, conforme Fonterrada (2008):

Com isso, constata-se que o mundo atual tem necessidades específicas, que impõem a busca de alternativas, tornando-se claro que se está diante da emergência de um novo paradigma, não-linear, acausal e multidirecional, determinante de procedimentos e ações humanas que, talvez, sejam a única maneira de fazer frente às demandas da sociedade contemporânea em todos os campos (...) (FONTERRADA, 2008, p.17).

Nascimento (2013) ainda complementa:

As práticas musicais da atualidade abrangem os múltiplos contextos sociais, históricos, econômicos e culturais, que trazem sua complexidade. Desse modo, a área em sua relação com a sociedade, estuda as múltiplas vivências musicais com diferentes sujeitos, situações e faixas etárias. (NASCIMENTO, 2013, p. 5).

TRABALHANDO A CENA

Por meio dessa busca em torno de procedimentos e ações humanas que contemplassem esses múltiplos contextos e diferentes sujeitos, que chegamos ao lugar onde desenvolvemos nossa atuação. Nossa jornada se inicia em fevereiro de 2017, quando ao contatar a presidente da APAARN, propomos realizar vivências musicais com as famílias participantes da instituição. O nosso objetivo inicial era de otimizar o tempo que essas famílias passavam aguardando seus filhos nos atendimentos oferecidos semanalmente, em direção a uma educação musical inclusiva, pautada no reconhecimento e na interação com o outro.

A proposta consistia em realizar vivências musicais com as famílias, incluindo o ensino de instrumento, contemplando propostas pedagógico-musicais que seriam vivenciadas pelos pais para posteriormente ser aplicadas com seus filhos.

Portanto, centrar na família significa se esforçar para apoiar cada uma delas em ser mais capaz de apoiar o desenvolvimento da pessoa com autismo durante todo o dia e em diferentes contextos. Empoderar é, portanto, um princípio fundamental de abordagem centrada na prática familiar, o que, neste contexto, refere-se a oferecer a família oportunidades para que membros adquiram "conhecimentos e habilidades, para melhor gerir e negociar a vida diária de forma a afetar positivamente o bem-estar da família". (THOMPSON apud DUNST & TRIVETTE, 2009, p. 122).

Ressaltamos que as propostas pedagógico-musicais foram desenvolvidas utilizando materiais que viabilizam uma melhor aprendizagem de pessoas com autismo, e se basearam nos métodos de ensino de música reconhecidos dentro da área de educação musical, auxiliados pelo método TEACCH (Treinamento e Ensino de Crianças com Autismo e Outras Dificuldades de Comunicação Relacionadas). O Método TEACCH oferece estratégias cognitivas e comportamentais nos tratamentos do autismo e que auxiliam os professores a intervir na capacidade de aquisição de habilidade do aluno. O método fornece técnicas de organização, estruturação, repetições e treinamento, considerando pré-requisitos importantes para a aprendizagem.

Os interessados em participar da atividade, organizaram-se em oito grupos, distribuídos em dois dias na semana (quarta e quinta respectivamente), com 1 hora de aula cada, de acordo com o horário de atendimento dos filhos. Para realização das atividades utilizamos uma sala com cadeiras, mesa, instrumentos musicais (teclado, metalofones, pandeiros, violão), quadro branco pequeno e jogos musicais.

Fundamentamos nossa prática em projetos com essa mesma abordagem, realizados em outros países e aqui no Brasil também. Yang (2013) em seu trabalho sobre a educação musical de pais e os reflexos desse processo na interação familiar, relata alguns programas musicais que envolvem toda a família:

- Na década de 70, Daniel Prat adaptou um programa de música infantil criado na Alemanha chamado Kindermusik, que tinha como foco envolver pais e crianças em jogos musicais, sendo fornecidos materiais para casa, a fim de estender as experiências de aprendizagem musical à rotina diária das crianças;

- Em 1987, Kenneth Guilmarin, em colaboração com Lili Levinowitz, ofereceu o Programa Music together para crianças e suas famílias nos Estados Unidos. Esse programa concebia proporcionar um ambiente apropriado para o desenvolvimento e treinamento de crianças e suas habilidades, com a participação ativa dos pais ou cuidadores durante a aula de música;

- Em 2006, Anne Meeker Miller criou o programa Baby Sing & Sign e incorporou Sinais na música para facilitar a comunicação entre crianças e pais.

No Brasil, Araújo (2017) cita duas iniciativas que desenvolvem o ensino de música centrado na família:

- Desde 2007, o Música em Família que é um projeto cultural que tem como principal objetivo estreitar relações entre os personagens do processo educativo: a criança, a família e a escola, através da música e das artes;

- Em 2009, na revista Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas, Maciel (2009) descreve sua jornada pessoal em torno da criação do Brincanto Play, um método baseado na ludicidade, na música e na integração à vida da família através das suas atividades diárias. O método apresenta resultados positivos ao estimular familiares e educadores a buscar o contato com a criança autista, respeitando suas idiossincrasias e tirando delas o máximo proveito.

Além de jogos musicais diversos, o repertório utilizado pertence ao projeto Música em família, e ofereceu uma riqueza de elementos para discutir a realidade do cotidiano das famílias de pessoas com autismo. A primeira música chama-se Não custa nada e traz em sua letra:

Eu descobri que as coisas boas na vida são de graça,
Não custam nada,
Eu descobri que o mundo inteiro pode ser o meu jardim,
A minha casa.
O teu abraço, não custa nada,
Um beijo seu, não custa nada,
A boa ideia, não custa nada,
Missão cumprida, não custa nada,
E quando tudo parecer que está perdido
Dê uma boa gargalhada...
(MÚSICA EM FAMÍLIA, CD Um para o outro, 2011).

Antes de apresentar a letra na sua forma original, realizamos algumas dinâmicas pedindo que as famílias dissessem coisas que são significativas para

viver, que as faziam felizes, e tal foi a minha surpresa ao ouvir o silêncio de muitos, ou mesmo o choro de alguns. Em alguns casos, só após dar alguns exemplos, que lembranças iam sendo retomadas, tal eram as dificuldades surgidas após o diagnóstico de autismo.

Outra canção trabalhada, também de autoria do Projeto Música em Família chama-se Seu nome, e diz:

Se eu pensar em alguém
Pra me ajudar a qualquer hora
Vou pensar em você
Desde que eu bebê
Eu não me canso
De chamar o seu nome.
Eu não me canso de você, eu não me canso.
Das histórias com você, eu não me canso.
Nem das piadas que não têm
Mais graça de tão velhas
(MÚSICA EM FAMÍLIA, CD Um para o outro, 2011).

As duas canções promoveram a reflexão de que o diagnóstico do autismo não os impedia de viver plenamente a vida, embora saibamos que a rotina familiar é afetada. Dar valor as coisas mais simples, reconhecer os pequenos gestos e ser grato pela oportunidade de orientar e mediar outra pessoa na descoberta e leitura do mundo era o mais importante. A dimensão humana foi guiando nossas experiências musicais dentro da descoberta dos ritmos, das alturas dos sons, da prática de conjunto, tornando o processo mais prazeroso.

Houve momentos em que a aula se transformava num divã, onde alguns pais relatavam situações específicas que eram desconhecidas das outras famílias, e como era de se imaginar, havia uma cumplicidade nos olhares e gestos, e outras vezes em palavras, tais como: “nossa, eu nunca ia imaginar que você passava por isso”; ou ainda: “estou aqui há tanto tempo, mas nunca soube de sua história”. As vivências musicais tornaram-se viés para sair do isolamento, promovendo relatos, o fortalecimento de vínculos e estabelecimento de novas amizades. Por parte dos profissionais também houve relatos de que a experiência estava afetando inclusive um melhor envolvimento, frequência, participação das famílias nos momentos promovidos pela associação, entre outros benefícios.

Outra experiência enriquecedora foi a oficina de violão, que também foi contemplado como um de nossos objetivos. Montamos um grupo com sete participantes, motivando algumas até adquirir o instrumento. Para esse trabalho utilizamos uma abordagem mais informal, como uso de letras cifradas e esquema de ritmos sinalizados por setas, e também vídeos para que pudessem estudar em casa. Segue abaixo um exemplo do esquema utilizado:



Batida Ritmo
INTRO: E
1ª parte: E E A A (2x)

Na oficina de violão, baseamos nossa prática nos princípios de vários educadores que desenvolvem a prática coletiva do instrumento, tais como Beineke (2003), Tourinho (2007), entre outros, que apontam para as possibilidades do ensino em grupo, tais como: maior interação do indivíduo com o meio e com o outro, o estímulo e desenvolvimento da independência, a sociabilidade, a cooperação, e no caso específico do ensino da música, um maior desenvolvimento musical como um todo. Esse mesmo grupo realizou ao final das atividades duas apresentações acompanhando seus filhos.

34

CONCLUSÕES: o filme em exibição

Cientes da importância que a música desempenha na vida de todas as pessoas, e tomando os programas citados anteriormente como referência, desenvolvemos essa experiência de ensino de música voltada para a família de pessoas com autismo. De fato, há muitas possibilidades para chegar ao desenvolvimento musical de pessoas com autismo, e a família, sem dúvida, é um dos principais aliados nesse processo de ensino aprendizagem musical. Promover a inserção da família torna as práticas musicais colaborativas bem-sucedidas no momento em que a sua capacitação musical se estende além da sala de aula.

Os resultados podem ser evidenciados em vários aspectos, desde os ganhos de conhecimento prático musical, como o uso correto de materiais relacionados à música; socialização, onde são criadas oportunidades para os pais se conectarem com outras famílias, e fortalecer a interação com seus filhos; e ganhos emocionais, quando constatamos a redução do stress, aceitação de sua condição e valorização da autoestima. A música numa perspectiva inclusiva e centrada no aprendizado musical das famílias de pessoas com autismo oportuniza a superação de barreiras de comunicação, promovendo autonomia e o desenvolvimento de outras habilidades em potencial, não apenas do indivíduo com autismo, mas dele com sua família nos espaços de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Priscilla. **Autismo**: no tempo da delicadeza. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

ARAÚJO, Liana Monteiro de. Música e autismo: ensino de música centrado na família de pessoas com autismo. In: LEÃO, Eliane. **Pesquisa em música II**: o ensino, a vivência a aprendizagem musical. Curitiba, editora CRV, 2017.

BEINEKE, Viviane. O ensino de flauta doce na educação fundamental. In: Hentschke, Liane; Del Bem, Luciana. (Org.). **Ensino de Música**: propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Moderna, 2003.

BRITO, Teca Alencar de. **Koellreutter educador**: o humano como objetivo da educação musical. São Paulo: Peirópolis, 2001.

DINIZ, Evellyn. **A mãe**: o autismo do outro lado da porta. Disponível em: <https://poderdospais.wordpress.com/>.

FONTEERRADA, Marisa Trench. De O. **De tramas e fios**: um ensaio sobre música e educação. São Paulo: Editora da Unesp, 2005/2008.

GRINKER, Roy Richard. **Autismo**: um mundo obscuro e conturbado. Trad. Catharina Pinheiro. São Paulo: Larousse do Brasil, 2010.

HUMMES, Júlia Maria. Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 11, 17-25, set. 2004

ILARI, Beatriz. Música, identidade e relações humanas em um país mestiço: implicações para a educação musical na América Latina. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 18, 35-44, out. 2007.

KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. *Musikpädagogische Forschung*. n. 16, p.146-172, 1995. Tradução: Jusamara Souza Revista. **Em Pauta**, v.11, n.16/17, p. 48-73, 2000.

MACIEL, Mariene Martins e FILHO; GARCIA, Argemiro de Paula. *Autismo*: uma abordagem tamanho família. In: DÍAZ, F., et al., orgs. **Educação inclusiva, deficiência e contexto social**: questões contemporâneas [online]. Salvador: EDUFBA, 2009.

NASCIMENTO, Thaís Vieira do. **Compreensão da vivência musical de alunos com necessidades educativas especiais**: uma pesquisa-ação no Espaço das Oficinas - Espaço Terapêutico e Educacional - Uberlândia, MG, 2013.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Há diversidade(s) em música: reflexões para uma educação musical intercultural. **Revista Música e Educação**, Série Diálogos com o som, vol.2, Barbacena, 2015.

THOMPSON, Grace Anne. **A Survey of Parents' Use of Music in the Home With Their Child with Autism Spectrum Disorder**: Implications for Building the Capacity of Families. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, v. 14, n. 1, 2014.

TOURINHO, Ana Cristina. Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história. In: XVI Encontro Nacional da ABEM e Congresso Regional da ISME. **Anais [...]** EDUFMS, Campo Grande, 2007.

YANG, Yen-Hsuan. **Parents and Young Children with Disabilities**: The Effects of Home-Based Parent Education in Music on Parent-Child Interactions. Florida, 2013.